

O tiro que nos acerta...

¹Isabel Parolin

Recentemente a minha cidade se comoveu profundamente com uma jovem de 14 anos, que entrou no banheiro da sua escola e com um tiro ceifou sua vida.

Quero destacar a repercussão de casos semelhantes em nossas vidas. O tiro dessa jovem acertou muito mais que essa jovem, sua família e seus amigos. Acertou seus professores, seus colegas, a família de seus colegas e toda uma comunidade.

Ele comoveu a minha cidade, como outros episódios semelhantes já comoveram.

Todos nós sentimos um gosto amargo na boca cada vez que um caso semelhante nos assola e nos enfrenta.

Contudo, é bom lembrar que episódios como esses são final de história cujo início aconteceu muito tempo antes do último episódio.

Mobilizada em meu papel de educadora me coloco como porta voz de um grupo de adultos/educadores que lamenta esse fato e tantos outros que acontecem na indiferença e no silêncio da imprensa e da curiosidade humana.

Por que ela fez isso? Perguntam as crianças. Tinha motivos? Perguntam os jovens. Por que na escola? Por que não pediu ajuda? Perguntam-se seus professores. O que acontece na cabeça dessa adolescente, perguntam-se os adultos em geral. Isso pode acontecer com meu filho? Perguntam-se outros pais. O que faz uma jovem matar-se? Eu poderia ter ajudado? Todos se questionam.

O caso da jovem já é perdido... Vamos refletir sobre outros jovens que estão aqui, conosco... Perto de nós. Como podemos ajudá-los?

Dando-lhes orientação, o nosso carinho, a nossa compreensão, os encaminhamentos necessários, os limites fundamentais e as regras do bem viver. Afinal, educar é instrumentalizar para bem viver e conviver.

A emoção, a comoção, o lamento não servem para empreender novos caminhos, pois eles tomam conta dos nossos pensamentos e nos impedem de agir assertivamente.

Necessitamos agir de forma diferente, de forma preventiva.

A nossa preciosa parceria e o valioso exemplo favorecem a construção de uma rede de apoio, de atenção, de cuidados, de encaminhamentos que possibilitem mais resiliência e capacidade de retomada diante das agruras que a vida, certamente, apresentará.

Nossos jovens precisam entender que a vida é composta pela diversidade, por situações e episódios que se constroem e reconstroem a cada dia, a cada gesto, a cada nova intenção. Nada está perdido em si mesmo e tudo pode ser reconstruído, retomado, refeito, reavaliado.

A compreensão dos ciclos da vida, que só nós adultos temos construído pelo conhecimento adquirido, pelo tempo vivido e pelas nossas experiências, é que pode ajudar nossos jovens diante “do fim do túnel”.

Não podemos nos eximir da tarefa de educar.

O tiro nos acerta porque todos nós sabemos que podemos fazer um pouco mais e melhor!

¹ Psicopedagoga clínica e consultora de escolas públicas e privadas. Professora em cursos de pós-graduação e palestrante para Pais. Autora de vários livros, dentre eles: Pais Educadores – Quem tem tempo de Educar? Editora Mediação e Na escola sem Aprender? Isso não! Em parceria com Bozza e Starepravo, da editora Melo. Contato: WWW.isabelparolin.com.br